

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 2



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 1999

Cópias, 5 de Janeiro de 2001
M. L. Silva

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 2 – Dezembro de 1999

Director:

Helder Macedo

Director Adjunto:

Sebastião Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Henry Thorau, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Laura Padilha, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Onésimo T. Almeida, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cleonice Berardinelli, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Isabel Pires de Lima, José Octávio Van-Dúnem, Regina Zilberman, Sebastião Pinho, T. F. Earle.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Faculdade de Letras

P-3000-447 Coimbra Codex

Telefax +351-239-410088; E.mail: ailusit@cygnus.ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida

Rua Tenente Valadim, 231/325

P-4100-479 Porto

Tel. +351-22 6067418; Fax +351-22 6004314; E.mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Autoria da capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal n.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

ÍNDICE

AIDA FERNANDA DIAS – Uma bibliografia medieval em suporte electrónico.....	7
EDUARDO JAVIER ALONSO ROMO – Os escritos portugueses de um jesuíta holandês no Oriente: Gaspar Barzeu (1515-1553).....	17
MÁRCIA M. DE ARRUDA BRANCO – Camões, leitor de Sá de Miranda.....	29
ANNE-MARIE QUINT – Ideias subversivas de um humanista cristão	49
MARIA THERESA ABELHA ALVES – Padre António Vieira, a exegese escriturária e o Quinto Império	63
CHRISTOPHER LUND – António Vieira e Menasseh ben Israel: uma aproximação de dois hermeneutas.....	79
MATILDES DEMETRIO DOS SANTOS – Literatura e História: Cartas Persas e Chilenas	85
VILMA ARÊAS – Um Primo Basílio da periferia.....	97
VIRGÍNIA SOARES PEREIRA – Garrett, Fr. Luís de Sousa e Fr. Gil de Santarém	107
MARIA MANUEL LISBOA – “Num bi nada”: O incesto e a oportunidade perdida n’ <i>Os Maias</i>	127
MARIA DE LOURDES A. FERRAZ – Camilo leitor de Castilho	157
DAVID BROOCKSHAW – Macau e os Macaenses: considerações sobre a obra de Henrique de Senna Fernandes e Rodrigo Leal de Carvalho.	169

MARIA ALZIRA SEIXO – O Canto Isolado de Edmundo de Bettencourt	179
APARECIDA DE FÁTIMA BUENO – Das <i>Odes</i> ao romance: a construção do personagem em <i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i>	195
K. DAVIS JACKSON – O desespero da musa: a paixão e o texto de van- guarda	213
ISABEL CRISTINA RODRIGUES – <i>Cartas de Sandra</i> de Vergílio Ferreira: a encenação do diálogo epistolar	223
LUCI RUAS PEREIRA – Vergílio Ferreira ou a paixão da escrita.....	233
CARLOS D'ALGE – Uma leitura dos romances de José Cardoso Pires	247
MARIA LUCIA FERNANDES GUELFY – <i>O Delfim</i> : Uma leitura pós-moderna da história.....	253
CRISTINA ROBALO CORDEIRO – Da <i>Paixão</i> às <i>Vozes da Paixão</i> de Almeida Faria: morfologia de uma metamorfose.....	271
AMET KÉBÉ – Símbolos e Ideologias em <i>1 Morto e os Vivos</i> de Manuel Rui Monteiro.....	279
BENJAMIN ABDALA JUNIOR – De vãos e ilhas – imagens utópicas e o mito de Ícaro, em recortes clássicos e contemporâneos.....	289
DIVA CARDOSO DE CAMARGO – O Primitivismo: apenas velhos “manifes- tos” e “prefácios”?	307
MANUEL ANTÔNIO DE CASTRO – Poética e <i>poiesis</i> : a questão da interpre- tação	317
JÚNIA DE CASTRO MAGALHÃES ALVES e LÚCIA TRINDADE VALENTE – <i>Harmada</i> : a “fulminância” na escrita de um texto contemporâneo....	341
GILMA TIETLER – O erotismo na força da palavra dita.....	349
EMMANOEL DOS SANTOS – O amor à língua materna no Brasil e a ques- tão do empréstimo.....	355
BARBARA HLIBOWICKA-WEGLARZ – A situação actual da língua portuguesa na Polónia – (O exemplo da Universidade Maria Curie Skłodowska de Lublin).....	363

O Primitivismo: apenas velhos “manifestos” e “prefácios”?

DIVA CARDOSO DE CAMARGO

Brasil, Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto

Vistos na perspectiva atual, tanto a Semana de 22 é uma digna senhora idosa, quanto o Modernismo inicial um velho venerando, e mais: o Futurismo, um passadismo cujas obras encontram-se nos museus e bibliotecas que tencionava queimar. Valem-se inicialmente de “manifestos” ou “prefácios”, em que as vanguardas européias ou a primeira fase do modernismo brasileiro divulgam seus programas e intenções artísticas.

No começo do século XX, o contato com a renovação européia dava-se através de leituras ou viagens de intelectuais e artistas à França e Estados Unidos, como Anita Malfatti e Victor Brecheret. Em 1912, Oswald de Andrade, em “turismo” cultural, traz o “Manifesto do Futurismo”, já publicado, porém sem repercussão, no jornal *A República* (Natal, jun. 1909) e no *Jornal de Notícias* (Bahia, dez. 1909).

Às vezes, porém, eclode a tensão entre nacionalismo e vanguarda, como, em 1917, a famosa crítica oscilante entre “paranóia” e “mistificação”, de Monteiro Lobato, sobre os quadros cubistas de Anita Malfatti. A estagnação cultural da sociedade brasileira, em geral, não aprecia as inovações modernistas: o professor de música Mária de Andrade perde alunas de piano por ter participado da Semana de 22 e comenta, em carta a Prudente de Moraes, neto, que ser modernista é como se tornar “leproso”.

A polêmica sobre a nova arte prossegue e o grupo modernista sofre cisões, daí surgindo várias correntes. São de interesse do presente trabalho a corrente primitivista e a desvairista. O Primitivismo (com Oswald de Andrade, Alcântara Machado, Raul Bopp) caracteriza-se pela descoberta da terra brasileira em suas origens; é a renovação pela destruição. Por sua vez, o Desvairismo (inaugurado e inspirado por Mário de Andrade) tem sua síntese no “Prefácio Interessantíssimo” da obra *Paulicéia Desvairada* (1922). Propaga a liberdade de pesquisa estética, a renovação da poesia e a criação da língua nacional, de que é exemplo *Macunaíma* (1928).

Dentre as revistas importantes, têm-se também a *Klaxon*, de perfil mais universalizante, com textos em francês de Sérgio Milliet. É ela que divulga a linguagem cinematográfica, com orações curtas, diálogos sem descrições, intercalamento de cenas simultâneas.

Após essa revista de arte, passa a vigorar o Primitivismo, embora com divergências entre seus renovadores. Destacam-se a aguda visão ufanista e um forte folclorismo, que comandam algumas de nossas correntes modernistas, dentre elas parte da vertente primitivista.

1. O Primitivismo no Manifesto Pau Brasil (1924) e no Manifesto Antropófago (1928)

Mas o que é, na verdade, ser primitivista para Oswald de Andrade, seu maior propagador? Inicialmente em 1924, ser primitivista é criar uma poesia pau-brasil: é levar a nossa primeira riqueza “exportada” até a escola, ou seja, renovar nossas fontes originais (oprimidas pela colonização e pelas nossas elites) através das novas técnicas artísticas e sociais européias. A tomada de posição primitivista do Manifesto Pau-Brasil, publicado no *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, consiste na fórmula para uma nova expressão emancipada, “ver com os olhos livres”, que busca a construção de uma poesia ingênua, de descoberta do mundo, da terra brasileira e da sensibilidade individual. Nesse momento, Oswald de Andrade propõe: “A língua sem arcaísmos. Sem erudição. Natural, neológica. A contribuição milionária de todos os erros [...] Contra a cópia, a invenção e a surpresa”.

Também Paulo Prado, ao prefaciар o livro de poesia *Pau-Brasil*, assim escreve:

Encaixar na rigidez de um soneto todo o baralhamento da vida moderna é absurdo e ridículo. Descrever com palavras laboriosamente extraídas dos clássicos portugueses e desentranhadas dos velhos dicionários [...] é um anacronismo chocante. Do novo movimento deve surgir, fixada, a nova língua brasileira.

Já segundo o grupo da revista *Terra Roxa*, ser primitivista é preocupar-se com o fenômeno da imigração, prevenir-se dos seus perigos, defender o nacional com a “coragem digna do Anhangüera”.

Posteriormente, em 1928, primitivista é para Oswald ser como o *antropófago*: atitude de devoração ritual dos valores europeus, a fim de recuperar a civilização e a cultura brasileira, superando a civilização capitalista e patriarcal. Tem como órgão de divulgação a revista de *Antropofagia*. Esse manifesto propõe um “basta à autenticidade enlatada, à filosofia de importação!!!” E continua:

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Tupi, or not tupi, that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

Queremos a revolução Caraíba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não faria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

Em contrapartida, segundo Plínio Salgado e demais membros do grupo Anta, ser primitivista é retomar o já desgastado ufanismo e avançar para o Integralismo.

Por outro lado, para as correntes católicas, com Alceu Amoroso Lima, e os espiritualistas universalistas, com Tasso da Silveira (revista *Festa*), o problema não é ser primitivista mas, sim, recuperar a estética simbolista, a religião e conciliar o passado e o futuro.

Pode-se perceber que, já no final da década de 20, várias das correntes que se reúnem, respectivamente, sob o lema ou rótulo do primitivismo, apresentam duas posturas nacionalistas distintas. De um lado, a interpretação do primitivismo pelo pau-brasil oswaldiano apresenta um nacionalismo crítico, consciente, de denúncia da realidade brasileira, politicamente identificado com as esquerdas. De outro, as correntes primitivistas, em suas facções mais conservadoras, e as espiritualistas católicas são de um nacionalismo ufanista, utópico, exagerado, identificado com as correntes políticas de extrema direita. Os grupos universalistas

e católicos acusam a “importação” de modismos europeus de solapar os mais “autênticos” valores humanísticos, religiosos, clássicos etc.

Caracteriza-se a década de 20 pelas mudanças econômicas, políticas e culturais. A nossa sociedade agrícola e oligárquica passa a sofrer a influência de um processo inicial de industrialização e de maneiras diversas de aplicação de capital. Os novos pactos entre o campo e a cidade abalam os alicerces da primeira República. E a arte, já tornada “mercadoria” na Europa romântica, passa a aderir à moda, como todas as demais produções das sociedades de mercado.

Assim, nesse clima de mudanças, a retomada patriótica das correntes primitivistas pode ter apresentado modismos. Todavia, se há modismos vanguardistas, também ocorrem os modismos nacionalistas. Nestes podem detectar-se graves consequências, porquanto, em nome da “coesão nacional”, ocultam-se problemas sociais sérios, bem como camufla-se a manipulação, para a perpetuação no poder dos grupos conservadores através da alegoria da *ordem* que leva ao *progresso*.

Por sua vez, as vanguardas européias contribuíram positivamente tanto para a valorização do Primitivismo oswaldiano do *pau-brasil* e da *antropofagia*, como também das vertentes não conservadoras e não autoritárias. Também se beneficiaram as correntes primitivistas com a introdução de várias inovações sem o ranço do importado, como o estilo fragmentário, o corte cinematográfico, o uso das palavras em liberdade, a utilização das técnicas cubista, a crítica irônica ou o urro contra a sociedade burguesa.

2. O Primitivismo no “Prefácio Interessantíssimo” (1922).

Quanto à releitura da história brasileira e o repensar da nossa dependência cultural de colonizados, destacam-se também o “Prefácio Interessantíssimo” e *Macunaíma*, textos em que Mário de Andrade antecipa a proposta oswaldiana.

Embora Mário de Andrade não seja adepto da vertente oswaldiana no tocante à renovação pela destruição, podem-se estabelecer algumas características em comum com o Primitivismo, não só quanto à redescoberta da terra brasileira em suas origens mas também no que tange a motivos brasileiros, indígenas, folclóricos e americanos, em oposição a

européus. Incluem-se aí a tradição e, em contrapartida, a renovação das nossas fontes originais através das novas técnicas artísticas e sociais européias.

A poesia de Mário de Andrade manifesta-se modernista a partir do livro *Paulicéia Desvairada*, rompendo com todas as estruturas ligadas ao passado. A obra tem como objeto de análise e constatação a cidade de São Paulo e seu provincianismo, com locais como o rio Tietê, o largo do Arouche e o Anhangabaú, ao lado de figuras vindas da burguesia, da aristocracia e do proletariado, revelando uma cidade multifacetada e “arlequinal”. Demonstrando não ter sofrido influência alguma, Mário de Andrade dedica *Paulicéia Desvairada* a seu grande mestre, seu Guia, seu Senhor: ele mesmo, Mário de Andrade.

Tanto o “Prefácio Interessantíssimo” quanto a obra para a qual este texto foi escrito provocam posições radicais, ora favoráveis ora contrárias à nova proposta. No prefácio, o autor esclarece sua linha de renovação integral, criticando as “teorias-avós”, a que os escritores brasileiros, de um modo geral, estavam presos. Tal postura é primitivista, porquanto também as várias correntes já mencionadas repudiam a influência parnasiana e o academicismo literário importado da Europa. Por outro lado, Mário ironiza os adeptos do Primitivismo, ao afirmar: “e o autor desse livro seria hipócrita si pretendesse representar orientação moderna que ainda não compreende bem.” Isto porque o Modernismo, na sua primeira fase, ainda está num processo de destruição de idéias passadistas, encontrando-se, portanto, num momento de elaboração de uma literatura com identidade nacional. Por sua vez, também enfatiza que essa renovação não significa esquecer-se das profícuas lições dos “velhos autores”, dos quais herdou a preocupação pelos detalhes da construção.

Ao mesmo tempo, declara-se fundador do Desvairismo, que é a libertação de todas as regras sociais e gramaticais. Confessa não estar a par dos movimentos de vanguarda: “E desculpe-me por estar tão atrasado dos movimentos artísticos atuais.” Notam-se, contudo, claras influências do Surrealismo, como a liberalização do psiquismo, do Cubismo, isto é, a deformação abstrata, e do Futurismo italiano, nas palavras em liberdade. Embora tais influências não o tenham convertido a nenhuma dessas correntes de vanguarda européia, servem-lhe de orientação inicial, como também para as correntes primitivistas.

Em seu texto, Mário de Andrade manifesta certa rejeição pela gramática:

Você perceberá com facilidade que si na minha poesia a gramática às vezes é desprezada [...] Pronomes? Escrevo brasileiro. Si uso ortografia portuguesa é porque, não alterando o resultado, dá-me uma ortografia.

Analogamente, o Primitivismo oswaldiano propõe uma renovação na linguagem, mediante “a língua sem erudição... Como somos”.

Em seu prefácio, Mário de Andrade apresenta um novo conceito de lirismo, ao afirmar: “Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita.” Tal conceito de lirismo é inovador porquanto prega a liberdade de expressão. Apesar de considerar o lirismo como a liberação do inconsciente, não concebe a arte como inspiração, pois “a inspiração é fugaz, violenta”, definindo a arte como uma criação que exige um trabalho artesanal. Depois da liberação do inconsciente, o artista deve “limpar” a sua obra, tirando as repetições, as inutilidades, “as sentimentalidades românticas”.

Também o Manifesto da Poesia Pau-Brasil apresenta outro conceito inovador a respeito, o de que a poesia existe nos fatos. Consoante Oswald de Andrade, tudo pode ser motivo para a realização da poesia, principalmente a realidade e, fundamentalmente, a realidade nacional. Tal preocupação dos primitivistas com a função social do artista também está presente em Mário de Andrade, na *Ode do Burguês*, em que assinala:

Quem não souber urrar não leia
Religião. Despresar: A Escalada: Sofrer.

Também como poeta, Mário estabelece, nos limites do que julgou ser arte moderna encarada como um desvario, que não aceitava o comodismo do burguês dono das tradições nem o modernoso oco.

3. O Primitivismo em *Macunaíma* (1928)

Dentre os temas comuns a Mário de Andrade e o Primitivismo, destaca-se o nacionalismo, principalmente em *Macunaíma*. Considerado por muitos um livro derrotista, é, na verdade, segundo Cavalcânti Proença,

um “puro ufanismo revoltado, pois a realidade nacional não se superpunha à imagem formada pelo seu idealismo.”

Meio envergonhado, é assim que Mário define o Brasil:

Se os dicionaristas tivessem um bocado mais de pudor, decerto haviam de gritar nos seus dicionários esta palavra de milagre, encrusilhada de macumba, voz social mágica, inevitavelmente humaníssima, que faz a gente cair no canto, chorar, beijar a terra, amar os companheiros apesar, e praticar esse ato absolutamente estúpido e contraditório que é sacrificar a vida e morrer.

Como consequência natural desse ufanismo, tem-se a frequência de símbolos permeando a obra, como o gigante Piaimã, a felicidade representada pela pedra muiiraquitã, a “maloca sublime” pela cidade do Rio de Janeiro. O herói é a personificação simbólica, polimórfica e turbulenta da alma do brasileiro: é um herói “sem nenhum caráter, indefinível, variável, em formação, desgeograficado.” Dentre as personagens lendárias, pode-se identificar Sumé (que ensinou os segredos da agricultura aos índios) com os padres jesuítas (em particular, com José de Anchieta): “do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira.”

Um dos componentes fundamentais do Primitivismo, ou seja, a redescoberta da nossa terra em suas origens, encontra-se altamente elaborado na obra, uma vez que fornece uma radiografia do caráter brasileiro, a partir do estudo das variantes antropológicas e psicológicas dos traços, raças, costumes e componentes que compõem o perfil da brasilidade.

A mistura dos mais diferentes traços culturais, que influenciaram o homem brasileiro, pode ser visto na expressão: a “pajelança Rei Nagô”, em que o ritual indígena de Pajelança mistura-se à figura africana do Rei Nagô. Também se pode interpretar os três irmãos, em *Macunaíma*, como o fruto das constantes miscigenações do povo brasileiro: um deles ficou “branco louro e de olhos azuizinhos”, como o europeu colonizador; o outro tornou-se “cor de bronze”, como o índio nativo; o terceiro permaneceu negro, como o africano escravo. O próprio herói, desde a sua origem até as mutações, poderia representar uma “síntese” do nosso povo: o próprio Macunaíma é índio amazônico, preto retinto, e fica branco louro de olhos azuis.

O autor recolheu a figura lendária de Macunaíma à mitologia indígena presente no livro *Von Roraima zum Orinoco*, do etnólogo alemão

Theodor Koch-Grünberg, que, entre 1911 e 1913, fez pesquisas junto às tribos do extremo norte do Brasil. Dentre os vários motivos indígenas, têm-se a índia “tapanhumas”, da tribo lendária de ameríndios do Brasil, e a “cunhatã” ou moça adolescente.

Dos inúmeros elementos da cultura popular, cuja incorporação é preconizada pelo Primitivismo, podem-se citar alguns. No embate final entre Macunaíma e o gigante Piaimã, o convite para ir ver o gigante é calçado em versos de uma velha cantiga brasileira:

Seu Nastaço chegò di viage
Nós viemo sabê como está.

Por outro lado, a lenda do gigante das orelhas furadas aparece em contos populares, e Icó, nome dado ao diabo na tribo dos caxinauas, tinha uma balança e convidava os índios para nela se sentarem e depois os matava. O truque utilizado pelo herói para o gigante subir na balança tem similar no conto infantil de João e Maria; a esse respeito, a cantiga de roda tem também similar nas brincadeiras infantis. Acrescente-se que a frase dita pelo gigante ao cair no tacho aparece no conto popular da festa no céu, no qual, quando o sapo despenca, diz: “– Arreda, pedra!”

Mário de Andrade utiliza o que chama de “língua brasileira”, isto é, a que é falada pelo povo e que não segue uma gramática oficial, mas, sim, uma gramática natural, adotada também pelas vertentes primitivistas. Como exemplo, pode-se citar a construção sintática: “Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não”, e a ortografia de: “si”, “milhor”, “siquer”, “guspia”. Também o autor vale-se da procedência de vários registros de língua, tanto de origem indígena, como “aipim”, “muruci”, “cunhãs”; quanto de origem africana, como “urucungo”; de origem popular, como “senvergonhice”, “mexemexendo”; ou de origem regional, nordestina, como “em riba”.

Com o passar do tempo, as experiências de linguagem e a utilização satírica dos achados obscenos talvez tenham perdido a virulência; mas, em compensação, à medida que os estudos sobre o livro se aprofundam, percebe-se a segurança impecável de sua construção. Dessa feita, sobressaem-se em *Macunaíma*, como características também do Primitivismo, o forte nacionalismo, a habilidosa busca de uma “língua brasileira”, e a maestria no aproveitamento da cultura popular, que tece o pano de fundo colorido da aventura do herói brasileiro.

Desse modo, a dinâmica dos eventos e a polêmica advinda das produções tanto da Semana de 22 como do Modernismo inicial e também do Futurismo, muito mais do que simples brincadeiras aparentes, constituem-se em obras que, ainda atualmente, levam-nos a repensar a nossa dependência cultural e também as relações complexas entre arte e sociedade. Nessas questões de ordem estética, encontram-se, pois, embricadas as várias interpretações do que, para a época, significava o nacionalismo. Englobam-se na sua concepção tanto o empenho em romper definitivamente os elos com a arte acadêmica parnasiana e naturalista, como a busca de nossas raízes, a aceitação ou distanciamento dos “ismos” europeus, ou até a discussão dos prós e contras a respeito de um Estado forte e centralizador.

Outrossim, as extensas divergências entre determinadas correntes, agrupadas sob a denominação do Primitivismo, não se restringem apenas à diversidade de estilos, mas têm também instigado diferentes motivações culturais e principalmente políticas. As conseqüências provenientes das óticas antagônicas de que a vanguarda é contrária ao nacionalismo ou de que ela o redimensiona favoravelmente marcaram a República Velha, passaram para a República Nova e o Estado Novo, e subjazem ainda nos dias atuais.

Bibliografia

- ANDRADE, Mário, *Poesias Completas*, São Paulo, Martins, 1965 [Obras Completas de Mário de Andrade, vol. II].
- ANDRADE, Mário, *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, São Paulo, Martins, 1965 [Obras Completas de Mário de Andrade, vol. IV].
- ANDRADE, Oswald de, *Do Pau-Brasil à Antropofagia e as Utopias*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970, 2.^a ed. [Obras Completas, vol. VI].
- BRAIT, Beth, et alli, *Encontro com a Linguagem*, São Paulo, Atual, 1979, vol. 3.
- HELENA, L., *Modernismo Brasileiro e Vanguarda*, São Paulo, Ática, 1989.
- PROENÇA, Manuel C., *Mário de Andrade*, Rio de Janeiro, Agir, 1974.
- SARGENTIM, Hermínio G., et alli, *A História do Sentimento na Literatura*, Vol. 3, IBEP, São Paulo, s.d.

